

REVISTA DE  
**HISTÓRIA**  
DAS IDEIAS



ARTES

VOLUME 32, 2011

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## A METADE NOCTURNA DO BELO: O HORRÍVEL NAS ARTES (Subsídios críticos para um estudo diacrónico da *fealdade* artística)

### 1. Os Primórdios. O *feio* para assustar o "outro"

É muito remota a ideia *de feio* (o horrível), associada a artefactos e manufacturas humanas. Como o é também associada, de modo mais alargado, às frequentes ameaças, potencialmente mortíferas, de uma natureza indomesticada, bravia e hostil, que provocavam o pavor e a impotência nos primeiros homínídeos. Pelos idos primordiais do género humano a ideia é vaga e difusa, instintiva, primária, muito pouco consciente. É, sobretudo, uma noção "sentida", não inteiramente racional, que aparece muito antes do conceito estético de Feio, corolário do juízo de valor correspondente, amanhecido apenas com o pensar inicial dos gregos antigos. A ideia de *fealdade* foi originariamente atribuída a artefactos e objectos toscos, geralmente usados para assustar e amedrontar os "outros". Fossem esses "outros", tanto tribos rivais de homínídeos hostis, como animais de grande porte, predadores dos primeiros indivíduos do género humano, primícias da espécie *sapiens-sapiens*. A par das armas rudimentares concebidas pelos primeiros *homo-habilis*, os arcaicos objectos ameaçadores (as máscaras medonhas, os adereços aterrorizantes feitos de ossos, peles e outros restos de animais) e as pinturas faciais e corporais agressivas, foram a forma

\* ESEV, Instituto Politécnico de Viseu.

expedita de fazer assustar toda a criatura ou animália vista como ameaça directa ás comunidades primitivas. Tais apetrechos faziam parte dos comportamentos deliberados de uma estratégia geral da conservação da espécie, nos alvares da humanidade, em tempos de existência precária, ameaçada que estava por constantes, inesperados e iminentes perigos letais. Os antropólogos chamaram-lhes, com acertada propriedade, "comportamentos de uma economia do conflito", os quais consistiam em substituir o confronto físico directo por manifestações exuberantes de ameaça agressiva. Atitudes de intimidação, conformando uma espécie de "persuasão musculada" a querer conseguir uma "submissão amistosa" dos adversários (predadores, inimigos ou rivais). De modo a inibir a agressividade contrária e a afastar ou adiar, por transferência simbólica, os instantes e reais perigos pressentidos de uma luta corpo-a-corpo, imprevisível quanto ao seu desfecho.

O *feio* esteve sempre associado, desde os mais longínquos tempos iniciais, a primitivos e primários sentimentos extremados entre o espanto e o susto. E, logo, a sensações irracionais de uma tensão ambivalente entre fascínio e (ou) repulsa. *Feio* foi sempre o outro nome dado ao terror, ao temor, ao pavor, ao pânico, às fobias. Pela estranheza, pela perturbação, pela inquietação, pelo desprazer. *Feio* se chamou à adversidade e ao correspondente reactivo desespero. Mas também à ambivalência, ao desconcerto, à perplexidade e à impotência questionadora. O *feio* está associado, em sentido lato e geral, a um medo inato, instintivo, irracional, pulsional, compulsivo, perante qualquer coisa ou fenómeno desconhecido, tido invariavelmente como ameaçador. *Feio* será tudo o que não se conhece, que nos é estranho, que não nos é habitual, que não nos é familiar. *Feio* é a expressão axiológica mais primária e imediata que resulta da fobia persistente perante o *novo*, o *inédito*. Como tal nomeados. Ao princípio, novo e inédito são *feios*, só deixando de o ser com uma paulatina e crescente habituação banalizadora. Hoje como nos mais remotos tempos, a fobia ao que é inédito torna-nos tão próximos dos nossos antepassados mais arcaicos, apesar de tão distantes, tão iguais apesar de tão diferentes. Porque essa habitual nomeação de *fealdade* prolongou-se por todos os séculos e milénios. O *feio* é o juízo estético criado por uma neofobia atávica, que chegou com indesmentível vitalidade aos dias de hoje.

E maior é esse receio visceral ante o grande desconhecido, qual noite escura, breu. Ao *feio* é, associada, pelo eterno questionar existencial,

a essa enorme interrogação que acompanha a noção do porvir. Visto como desconhecida e imprevisível ameaça. *Feio* é o nome dado à visão pessimista do caminho fatal para um derradeiro fim, tido mais como entrada directa no Nada, do que como amável redenção num Além paradisíaco.

*Feio* é ainda, sobretudo, a forma imediata e instintiva de nomear "o outro", o diferente. A (julgada hostil) alteridade. Repetir-se-ão, em todos os tempos do devir humano, nos mais diversos contextos e contingências, os exemplos recorrentes de formulações de *fealdade*, usada por nós para assustar os outros, assim julgada desse modo, pela semelhante experiência sentida, quando procedimentos similares são usados pelos outros contra nós.

## 2. O *feio* na antiguidade clássica

A antiguidade clássica irá dar-nos inúmeros e repetidos exemplos de assumidos estratégias de apresentar *fealdade* para assustar inimigos. Tais poderemos considerar as assombrosas ornamentações feitas com crinas espetadas de pelo do pescoço de cavalos a encimar os elmos usados pelos guerreiros *hoplitas*, aumentando-lhes a estatura e dando-lhe um aspecto medonho e assustador, aquando das "Guerras Médicas".

A par, se começam a identificar, na Antiguidade Clássica, em similitude paralela, as categorias axiológicas da estética com as da ética: o Belo com o Bem, o Feio com o Mal. Reconhecidos, tanto os valores positivos como os negativos, como pertencendo inegavelmente à plena mundividência do género humano. A estética e a ética serão as primeiras axiologias formuladas pelas reflexões iniciais da filosofia grega. Na altura imperativamente dirigidas para as práticas do Bem e para a rejeição do Mal, assim como para a contemplação aprazível do Belo e para a exclusão liminar do Feio. Estética e Ética, gémeas axiológicas: o bem e o belo-bonito, o mal e o belo-feio (o horrível na arte). A estética, gémea axiológica da ética, durante muito tempo com semelhantes pressupostos subordinados aos valores edificantes positivos, é por essa altura uma teoria de valores de "geminção verdadeira" (homozigótica).

E só recentemente divergirá desses semelhantes valores teleológicos, quando em tempos mais recentes, por condescendência lúdica

permissiva<sup>(1)</sup>, irá integrar a *fealdade* como valor estetizável, o *Feio* incluído numa espécie de sentido valorativo estético em devir, dinâmico, dialéctico<sup>(2)</sup>, que aplica o exemplo edificante de modo "negativo", enfatizando-o pelo paradoxo, que faz ver mais claro o contraste com o positivo, o qual se quer mais eficazmente alcançar<sup>(3)</sup>. É a citada condescendência permissiva concedida às actividades subordinadas à estética que irá possibilitar a proliferação artística de uma fealdade ubíqua e hegemónica nas obras de arte mais recentes. É a consciência da liberdade possível no "mundo de fingimento", de paralelismo simbólico com a realidade, actuando com a distância reflexiva *poiética*, que permitirá todas as audácias axiológicas, completamente interditas na

<sup>(1)</sup> Que, contudo, já era referenciada no tempo antigo clássico, como podemos ler em vários trechos da prosa do poeta latino Horácio, como por exemplo: "às crianças, aos loucos e aos poetas quase tudo é permitido"; "os pintores e os poetas sempre gozaram da mesma forma de ousarem o que quisessem" Horácio, *Ars Poética*, 18 a. C. Semelhante argumento é referido a 18 de Julho de 1573, perante o Tribunal do Santo Offício da Inquisição, pelo artista Paolo Cagliari, dito *Il Veronese*, pintor tardo-renascentista. Vários biógrafos do mestre, referem os incómodos sofridos a propósito das liberdades iconográficas pouco canónicas da sua obra *Banquete em Casa de Levi* (hoje na Galleria dell'Accademia, Veneza), obra encomendada para o refeitório da *Basilica di Santi Giovanni e Paolo* (que originalmente era dada como uma *Última Ceia*, "Ceia do Senhor"). Por essa pintura foi intimado pelo Snt<sup>o</sup> Off<sup>o</sup> a explicar a inclusão de detalhes irrelevantes e indecorosos [sic] naquela grande cena de pintura. Confrontado com a acusação de ter retratado da maneira leviana o tema sacro, defendeu-se invocando a liberdade artística para criar: "É de juízo antigo que nos é concedida a nós artistas grande tolerância e condescendência, e por isso nós, os pintores, permitimo-nos as mesmas liberdades dos poetas e dos loucos".

<sup>(2)</sup> Tal é a ideia incluidora d o *feio* no universo axiológico da estética segundo K. Rosenkranz, um dos primeiros grandes estetas do *Feio*, discípulo de Georg W. F. Hegel: "[...] o feio não é um 'ser' [estático], é um 'devir', não é um estado mas antes um princípio activo: infracção, transgressão, negação da norma, da regra, do cânone. É uma negação (*negierung*): uma forma de estética do não". Karl Rosenkranz, *Estética do Feio*, (*Ästhetik des Häßlichen*, 1853), *Esthétique du Laid*, 2004.

<sup>(3)</sup> É uma forma de enfatizar "o mundo às avessas", para melhor o combater e reformar. O *feio* é provisório (nunca definitivo e estático). É um sublinhado, uma atenção redobrada, um "retrato a traço grosso" como uma caricatura, uma ênfase pedagógica negativa, para melhor forçar a redenção estética pela nostalgia da beleza perdida.